



Guilherme  
d'Oliveira Martins  
Centro Nacional de Cultura

## Um Amor na Arena e um Apelo

«**A** Inglesa e o Marialva - Um Amor na Arena» de Clara Macedo Cabral (Casa das Letras, 2018) relata-nos uma estória verídica, que corresponde a um tempo a pessoas concretos. Estamos, assim, perante o retrato de Virginia Montsol, nome artístico de uma inglesa que chegou a Portugal atraída pela arte equestre e se entusiasma pelo mundo taurino. Essa escolha revela-se difícil e plena de incompreensões - mas torna-se também um caso de amor, que anima o romance. Ginnie Dennistoun vai viver para Chamusca do Ribatejo e esse facto causa grande estranheza para todos, a começar por quem a conhece e para os meios de onde provém e com quem priva. Estamos nos anos sessenta do século XX e há um confronto entre a abertura liberal britânica e a imagem de um Portugal rural, arcaico e supostamente fechado... E se digo supostamente é porque em pano de fundo está a abertura de fronteiras, a emigração, a guerra e a tomada de consciência de que a mudança política é inevitável. O que a autora nos traz na sua obra é um relato baseado em testemunhos dos intervenientes sobre como Ginnie se integra numa sociedade tão diferente daquela donde provém. Há pois uma faceta jornalística neste livro, onde se sente a curiosidade por uma cultura antiga (daí o título e a referência Marialva) na qual os toiros e os cavalos se confrontam numa arte, com muito antigas raízes mediterrânicas. Em primeiro lugar está, de facto, a mestria do cavalo e depois a vertigem do domínio dos animais nos terrenos difíceis das arenas - a recordar-nos a magia do célebre texto de Rebelo da Silva sobre a última corrida de touros em Salvaterra. Dir-se-ia que o tema da coragem desta inglesa é mais do que uma questão pessoal, as incompreensões e os confrontos são a imagem viva da arte que ela deseja compreender e depois dominar. A sua coragem é, no fundo, uma natural continuação do que aprende com Alberto, o mestre por quem se apaixona... E Clara Macedo Cabral vai ligando os gestos e os confrontos da vida do dia-a-dia, às vitórias e dificuldades que sente na aprendizagem e na arena. Com efeito, o tema da lide à portuguesa, compreendida por artistas plásticos - como Simão da Veiga Pai ou Delfim Maya - para ser aprofundada, tem de ir além do aspeto sanguíneo



do sacrifício, para chegar à própria essência da arte, como nos dizem Bergamín ou António Osório. É esse confronto que encontramos nesta obra e que Ginnie assume. E encontramos David Ribeiro Telles e António Luís Lopes ou Conchita Citrón, como cultores da arte, enquanto referências e exemplos. De que trata, afinal, o livro? Da descrição de um meio, que se debate com a tendência de repetir o que vem do passado ou, pelo contrário, com a necessidade de trilhar outros caminhos, mas da vida de um meio que existe em torno de uma arte tradicional. Estamos diante de um exercício no qual duas culturas se encontram e até descobrem raízes que não são muito distantes - ou não houvesse uma ligação histórica muito antiga - e uma tensão emancipadora que sofre incompreensíveis resistências. Temos tradição na tradição, e emancipação na emancipação. O confronto é, assim, multimodo. E se dúvidas houvesse deparamo-nos com a própria crítica de uma prática talvez desajustada dos tempos atuais. Uma mulher na tauromaquia parecia, para muitos, incompreensível. E isso faz-nos sorrir nos dias de hoje com tantas artistas de nome firmado e provas dadas. O tema de «A Inglesa e o Marialva» suscita diversas pistas literárias, de que em futuras obras a autora decerto curará, como os temas da coragem e da paixão, tão evidentes numa arte centrada no combate e na mestria do domínio dos animais em luta, do confron-

to entre tradição e modernidade, que envolve também a questão de uma tradição que se emancipa sem deixar de ser tradição, de uma sociedade que não está parada e que evolui algo contraditoriamente - e a tudo se soma o drama de uma doença incapacitante, do afastamento, do desencontro, da impossibilidade... E uma série de cartas fazem-nos acompanhar uma vida que deixa de se poder realizar... "Ginnie morreu no dia 7 de janeiro de 2008, com 67 anos de idade. O funeral celebrou-se na Igreja de All Saints, em East Garston. Ela nunca mais reviu aquela paisagem áspera e seca, de oliveiras, sobreiros e gado, nem contemplou os cavalos e as éguas lusitanas. Mas o seu espírito continuou na Torrinha, ainda lá anda o de Alberto"...

\*

Ao lermos, uma obra que confronta as raízes e a emancipação, o encontro e o desencontro, neste Ano Europeu do Património Cultural, está em causa a importância da relação do património cultural com o mundo da vida. Ler um romance, viver uma tradição, visitar um monumento ou uma peça de arte, conhecer melhor as comunidades, estudar a História, valorizar as Humanidades, cuidar das tradições, conhecer e valorizar as paisagens, tornar as cidades lugares aprazíveis e humanos, proteger a natureza, cuidar dos jardins, salvaguardar os arquivos, as bibliotecas e o património digital, integrar a criação contemporânea - tudo isto nos obriga a corresponder ao desafio de assumir que o património cultural não é um acervo do passado, mas uma responsabilidade presente e futura, um serviço público, para que aponte a palavra múnus - como Ginnie nos ensina. Assim poderá compreender-se a nossa preocupação em mobilizar escolas, professores, educadores, bibliotecas escolares, plano nacional de leitura para que o Ano Europeu tenha consequências futuras positivas. Se Portugal tem sido um dos países com maior número de iniciativas neste Ano Europeu, deixo o apelo para que esse entusiasmo e essa visibilidade prossigam.

### NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura